

**HISTÓRIA DA ARTE:
O SÉCULO XX ATÉ 1970**

Módulo 4

Conexões e Interações

Unidade 12

Aplicações e Funcionalidade

Professor Doutor
Isaac Antonio Camargo



Parece um pouco estranho pensar em questões relativas à aplicações ou funcionalidades que possam ter a Arte Visual.

O Modernismo, praticamente, destituiu da Arte o seu pragmatismo. Digo isto por entender que durante muito tempo os fazeres da Arte Visual e suas aplicações funcionais estiveram integradas. A edificação, ornamentação, decoração, estilização, documentação, ilustração e tantas outras aplicações eram parte de seus fazeres.

No século XIX, em especial a partir do Impressionismo, tais aplicabilidades deixaram de ocupar exclusivamente o campo da Arte e foram se tornando campo específicos como as edificações assumidas pela Arquitetura projetiva e de interiores, a estilização, ilustrações e procedimentos gráficos pelo Design, a documentação pela Fotografia, o Cinema e o Audiovisual. Enfim, o campo das aplicações se desligaram finalmente do campo da produção, pensar e conhecer Arte.

No entanto, se olharmos para a pré-história, vamos ver que ela atendia às motivações simbólicas do ser humano e era muito pouco prática, contudo, a partir da Antiguidade sua vinculação ao sistema sociocultural, deixou de ser espontânea e tornou-a útil. Por um lado, como um meio de propaganda do poder e por outro, como um recurso de ornamentação do espaço arquitetônico nos palácios, templos e túmulos.

Isto a transformou na produtora oficial de Imagens e comunicadora social. Assim, sua condição de meio para produção de imagens a definiu como um campo de atividade necessária cuja prestação de serviços era imprescindível por sua especialidade. Originariamente um serviço artesanal e, só depois do Renascimento, é aceito como cognitivo e Intelectual.

Não é possível negar a importância da Arte Visual como por meio de ornamentação ambiental, de ilustrar, narrar e informar o que quer que fosse. Ao longo do tempo, as narrativas e relatos épicos, os retratos de faraós, reis, rainhas, religiosos e deidades, o poder, a vida dos heróis e poderosos e mesmo dos populares foram e são importantes para a cultura e humanidade.

De um modo ou de outro a Arte Visual participou da construção da memória histórica e da consolidação de muitos povos e nações.

Neste sentido podemos imputar à Arte Visual outra função além da *ornamental*, a *documental*. Produzir registros também se tornou uma de suas finalidades e, por consequência, um serviço que ela desempenhou por muito tempo, daí sua proximidade e necessidade mimética ou imitativa com base nas referências do mundo natural, a Figuração.

O conceito de Belas Artes, vem do século XVIII e se consolida no século XIX, estabelecendo a fronteira entre elas e as Artes Aplicadas. Assim a Música, Poesia, Desenho, Pintura, a Escultura e Arquitetura tem maior distinção cujos criadores, são mais respeitados do que os Mestres de Ofício, tomados como meros artesãos cuja artesanaria é considerada mero fazer reprodutivo, decorativo, ornamental e funcional.

Esta separação dá as Belas Artes importância maior e melhor distinção de seus praticantes.

A esta distinção também corresponde à outra que estabelece diferenças entre Artes Maiores e Artes Menores (artesanais).

Tais distinções são contestadas na Modernidade a partir de movimentos com o Arts & Crafts inglês e depois pela Bauhaus alemã.

Num dado momento da história, especialmente no Modernismo, o mimetismo ou imitação do mundo natural passou a ser contestado, em consequência disso, ela se torna mais livre, mais inventiva, imaginativa e criativa. Explora novas possibilidades estéticas e poéticas. Propõe novas soluções plásticas e conceituais, se torna autônoma.

Tomando por base o sistema de produção de imagens e a discussão sobre as funções da Arte motivam Pierre Jules Théophile Gautier, no período do Romantismo, a defender a Arte pela Arte, ou seja, reconhecer que a Arte bastava a si mesma e não se vinculava a outros sistemas de valor.

Este foi um dos fatores importantes que reforçou o advento da Modernidade.

Numa publicação de 1984 a crítica e estudiosa da Arte Aracy Amaral coloca em pauta a pergunta: “Arte pra que? A preocupação social na Arte brasileira 1930-1970”. Sua preocupação é discutir as questões sociais provocadas pelo Modernismo no contexto da Arte Brasileira naquele período que provocou o deslocamento da Arte Visual de um fazer pragmático e funcional para um fazer estético e prazeroso.

Os serviços tradicionalmente realizadas pelos artistas, técnicos e artesãos, que antes eram muitos, pois a produção de imagens e o seu uso em publicações, ornamentação e outras aplicações decorativas e utilitárias eram muito requisitadas, depois foram perdidos com o advento da Modernidade. Grande parte destes serviços reduziu pelas mudanças de estilo ou das tecnologias de produção de imagens que foram desenvolvidas no século XX.

No campo da prestação de serviços seja na produção de retratos ou na produção gráfica, por exemplo, a fotografia acabou ocupando gradualmente um lugar nesse mercado e disputar um lugar com os desenhistas, gravadores e pintores. Os próprios artistas, como prestadores de serviço, passaram a se especializar em técnicas fotográficas para manter a clientela.

É o caso de Robert Demachy, 1859-1936, na França no início do século XX, entre 1900-10.

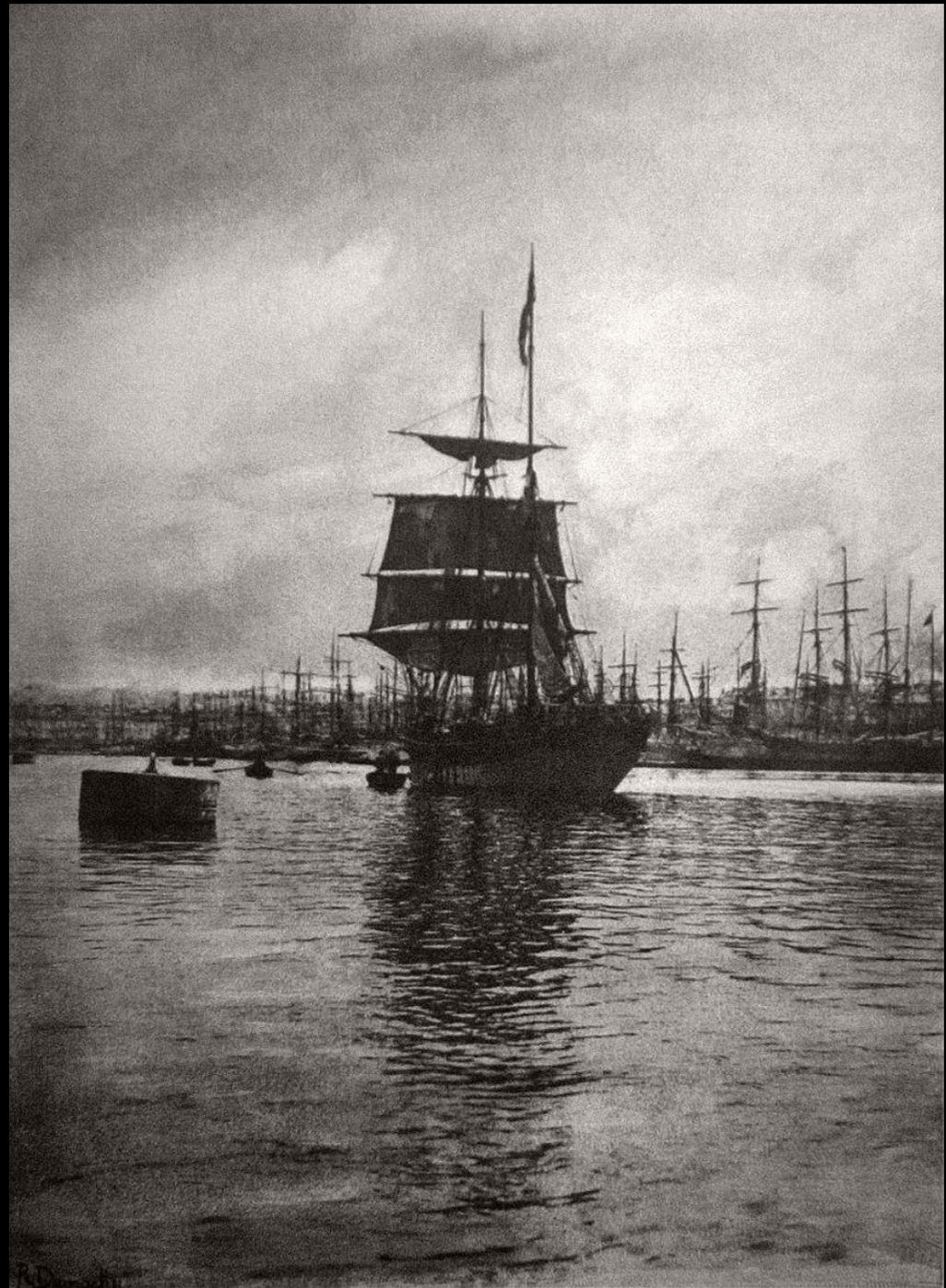




Robert Demachy



Robert Demachy



Robert Demachy

Demachy associa sua habilidade estética à tecnologia nascente da fotografia e a usa para ampliar o alcance de suas imagens que, se fossem feitas no processo tradicional de gravura, por exemplo, dependeriam do desenho, do entalhe, mais tempo de trabalho e, nem sempre, obteriam os efeitos plásticos que o novo processo possibilitava.

Há mesmo uma tendência em acreditar que a fotografia também provocou a fuga dos artistas da visibilidade naturalista que a arte havia adotado há séculos fazendo a opção por imagens não naturalistas chegando até a abstração.

Esta é uma especulação insólita se levarmos em conta que a fotografia, ao nascer, não tinha a capacidade de produzir imagem com alta complexidade como os artistas conseguiram.

É pouco provável que a fotografia provocasse esta situação já que nos seus momentos iniciais era muito precária e não conseguiria dar conta da qualidade que os artistas já apresentavam em suas imagens. O próprio Demachy discute estas questões num texto que publica na revista Camera Work, do movimento Secessão de fotografia, nos Estados Unidos.

A questão da Arte Visual em confronto com a Fotografia sempre foi discutida ao longo do tempo, aqui e ali.

De modo geral a fotografia, filiada à tecnologia, sofreu por algum tempo o preconceito da Arte considerando que a produção de imagens automatizadas destituiria sua “artisticidade”.

Talvez esta discussão tenha sido também estimulada por Walter Benjamin quando levanta a discussão em seu texto: “A Obra de Arte na era de sua reprodutibilidade técnica”, levantando o que chama de perda da “Aura”. Pensar que as imagens técnicas perderiam alguma coisa em relação às imagens artesanais ainda é uma questão que mobiliza o pensamento atual, especialmente no campo das tecnologias digitais.

A ideia de que imagens feitas à mão são mais “artísticas” do que as mediadas por aparelhos também colocou em dúvida se a Fotografia seria ou não Arte. Isto não nos parece relevante na atualidade, já que tanto a fotografia e os demais meios tecnológicos são recursos capazes de serem usados em projetos e proposições estéticas no contexto da Arte Contemporânea já que as proposições tecnológicas também têm pertinência no sistema atual de Arte.

Entretanto, a vinculação ao fazer manual como um dos esteios da produção artística também sofre afrontas, principalmente no momento em que surgem “aparelhos imaginadores” ou construtores de imagens como a câmera fotográfica, depois sua filha o cinema, mais tarde o vídeo e os meios digitais para produção de imagens em meios computacionais.

Contemporaneamente produzir imagens não depende necessariamente de habilidades psicomotoras, mas essencialmente cognitivas. Os programas de computação gráfica digitais dão conta de suprir as habilidades manuais tão caras aos artistas do passado. Entretanto, a questão da validade, permanece assombrando a contemporaneidade.

Ainda no século XIX, em oposição à Arte pela Arte ou à Arte Pura, havia também a questão da aplicação da Arte, o que comumente se nomeava por Arte Aplicada.

Pode-se deduzir então que se considerava a existência de um tipo de Arte requintado, intelectual e outro prático, útil e funcional. O que levou à discussão sobre Artes Maiores e Menores.

Eram consideradas Artes Maiores a arquitetura, pintura, a escultura e o desenho e Artes Menores a gravura, a tapeçaria e a cerâmica.

Esta distinção é arbitrária mas foca principalmente a questão do utilitarismo: De um lado as manifestações que operam conceitos intelectuais, descritivos e imaginários e, de outro, as que lidam com usos, aplicações e funções utilitárias.

Na antiguidade clássica (ou seja: greco-romana), distinguam-se dois tipos de Artes: Liberais (maiores) e Mecânicas (menores). As liberais dependiam essencialmente do intelecto e as mecânicas essencialmente das habilidade manuais ou artesanais. Este debate perdura até o Renascimento com o surgimento das Academias.

As Academias garantem a formação científica por meio da geometria, anatomia e perspectiva e também humanística por meio da história e filosofia, a partir daí os artistas são considerados intelectuais, e teóricos, professando a Arte como um fazer qualificado e oposto ao fazer dos artesãos vinculados às Guildas como na Idade Média.

De um lado está a Arte intelectualizada, erudita e cultivada nas Escolas ou Academias de Belas Artes e de outro, aquelas dominadas pela artesanaria e pela utilidade promovida pelas Escolas ou Liceus de Artes e Ofícios.

Mais tarde as ideias de John Ruskin levam Willian Morris a defender o retorno da artesanaria à Arte criando o movimento Arts & Crafts.

Traduzindo: Arts & Crafts corresponde à Artes e Ofícios.

O desenvolvimento da indústria no século XIX afastou o fazer manual, típico do artesão, dos objetos do cotidiano. A mecanização tornava os objetos pouco atrativos ou menos “humanos” e isto passa a incomodar teóricos como Ruskin e leva Morris a criar uma empresa na qual se valorizava a artesanaria e não a frieza industrial.

Pode-se pensar então que Morris defendia um objeto utilitário com “alma”.

Grande parte de suas propostas utilitárias valorizavam desenhos, ornamentos oriundos de conceitos mais orgânicos e menos geométricos.

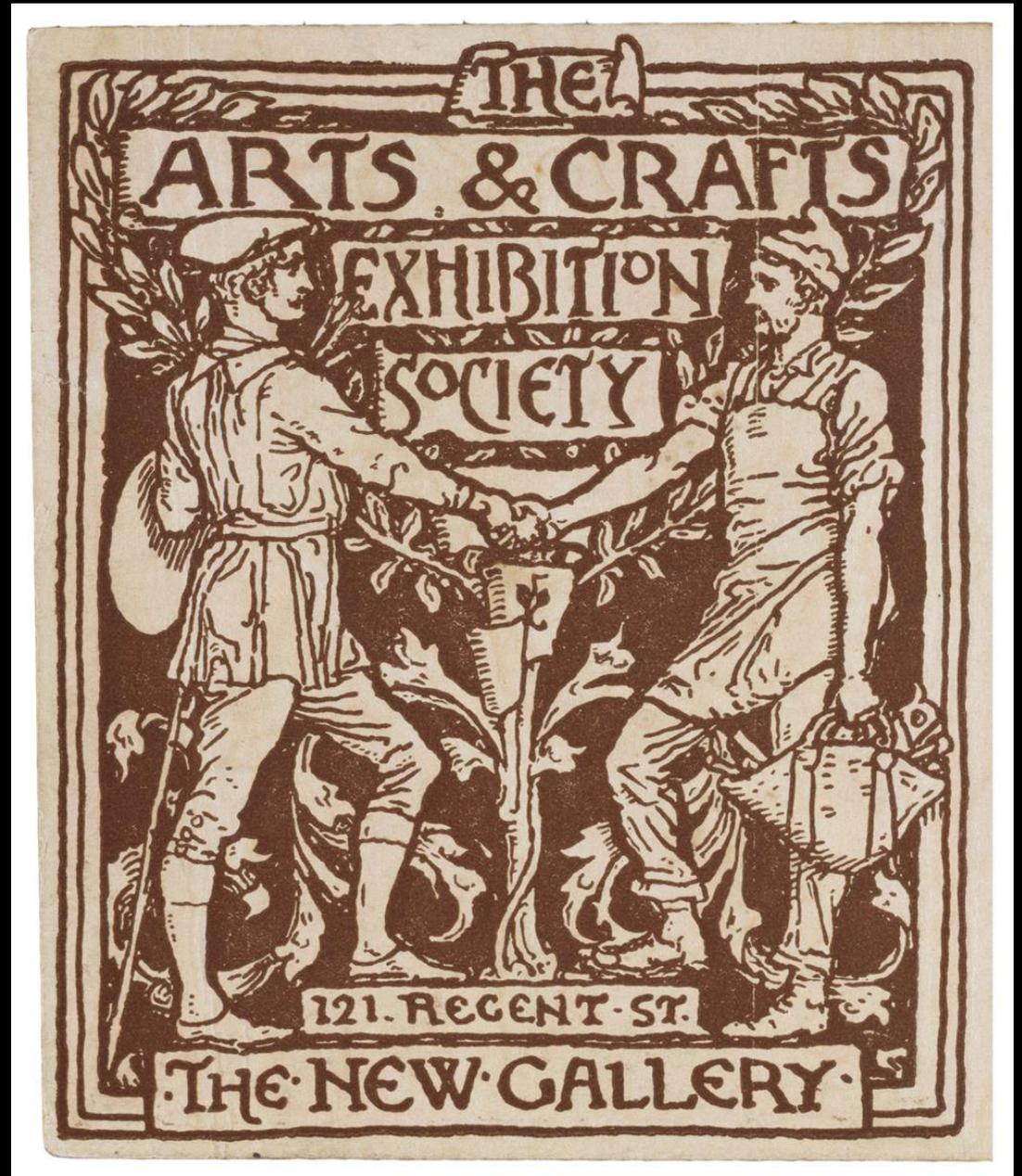
Ocupou-se de projetos tipográficos e gráfico, de mobiliário e decoração de interiores.

Criou uma empresa para isto: Morris, Marshall, Faulkner & Co.

Neste sentido podemos pensar que seus projetos buscavam, além do aspecto utilitário, um aporte artístico ou estético, com isto antecipa o que mais tarde vamos chamar de Design.

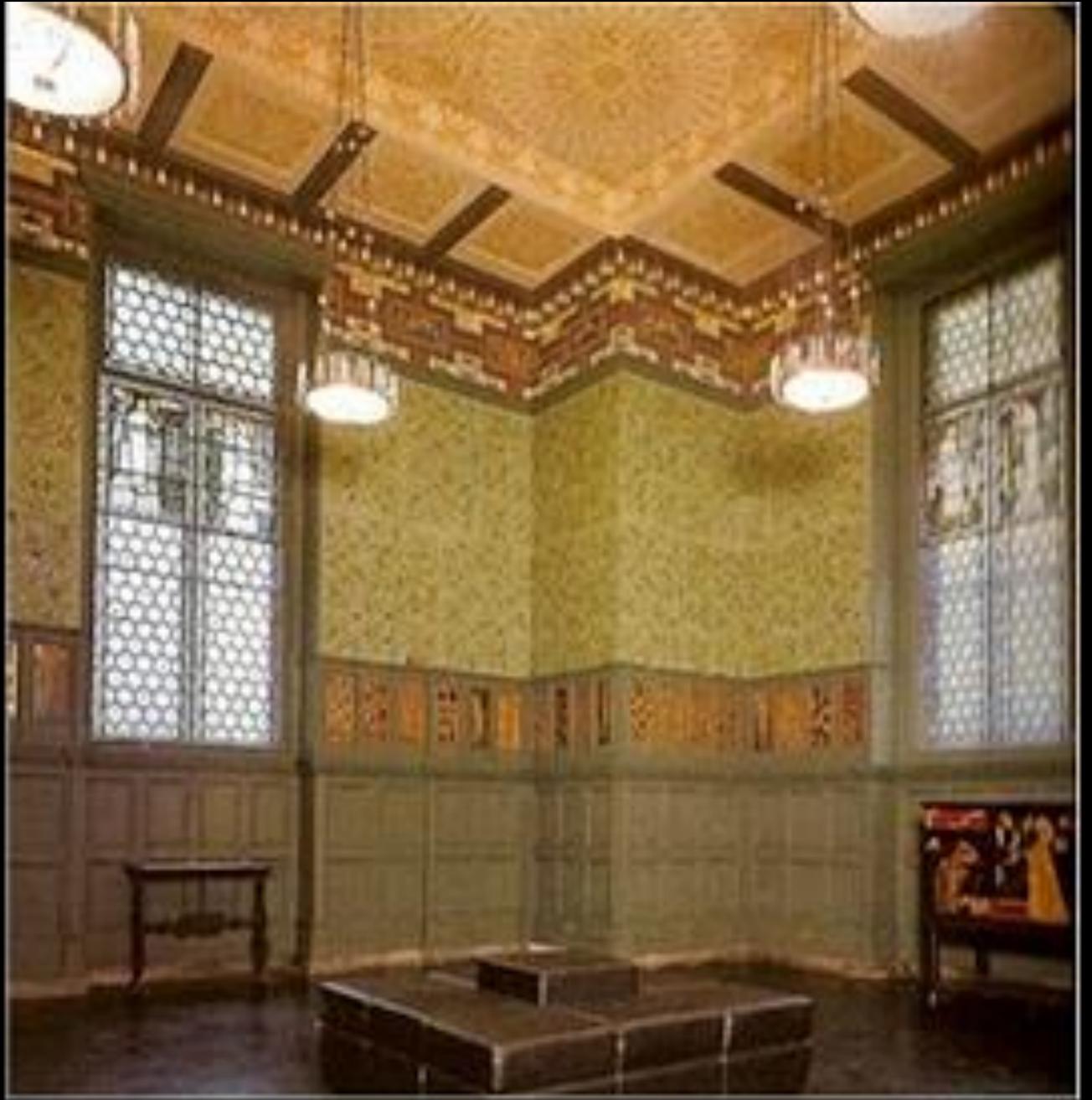
Então vamos ver como tais proposições foram desenvolvidas nessa perspectiva pragmática.

William Morris, (1834-1896).
Cria uma empresa para
manter as atividades dos
artesãos e manter os
processos manuais como
fazeres artísticos.





Arts & Crafts



Arts & Crafts



Arts & Crafts



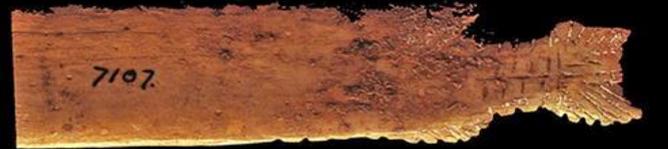
Arts & Crafts

A tentativa de Morris de revigorar o uso ou aplicação da Arte nos objetos do cotidiano não era muito diferente do que sempre foi feito pelo ser humano.

Ornamentar objetos funcionais como ferramentas ou armas sempre foi uma estratégia humana, desde a pré-história, como “provam” as imagens ao lado e as da próxima páginas.

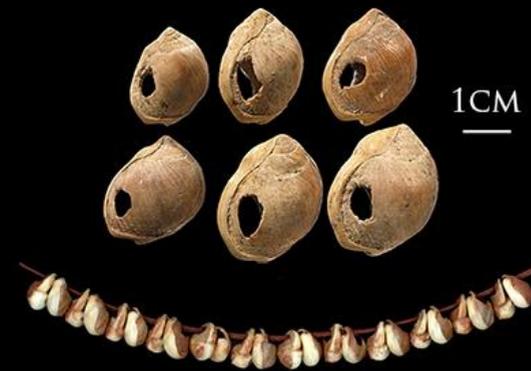
Então unir o “útil ao agradável”, não é tão recente assim.





Obviamente não devemos descartar a carga simbólica atribuída a estas associações, pois estas ornamentações se apropriavam de dentes e ossos de animais como se quisessem transferir para suas armas, ferramentas e ornamentos a força ou sagacidade deles.

Do mesmo modo que a ornamentação do corpo ou uso de adereços também implicava, além do aspecto visual, no simbolismo.



Mesmo hoje em dia o componente simbólico que carrega uma marca não é muito diferente do que acontecia na pré-história, na antiguidade, nem no medievo ou dos tempo modernos para cá.

Uma “grife” recorre aos componentes de valor que a sociedade aceita ou é induzida a aceitar como agregados, mesmo que as funções sejam as mesmas os valores são outros. A distinção social pode ter mudado, mas uma Ferrari tem mais componentes de significação e distintivos do que um fusca ou uma carroça...



A tentativa de Morris em recorrer à plasticidade, à configuração visual e à ornamentação para transformar os objetos do cotidiano em Obras de Arte ou, pelo menos, agregar valor estético a eles não foi diferente do que encontramos também na Art Nouveau ou Liberty ou Jugendstil ou mesmo na Art Déco. Todos eles queriam o mesmo: usar a Arte para qualificar o produto industrial para incorporar valores subjetivos a eles.

Hoje em dia é comum vermos as grandes construtoras batizarem seus edifícios com nomes de artistas famosos como se apenas o nome atribuísse a um projeto duvidoso mais qualidade...

Tanto Willian Morris quanto Samuel Bings e mesmo Georg Hirth com a revista Jugend alemã queriam o mesmo: associar a qualidade da Arte aos objetos que criavam ou comercializavam. De modo geral, todos eles, se opunham ao Classicismo e tentavam a “Arte Nova”, o “Estilo Jovem” ou a Liberdade, ou seja, uma alternativa aos valores fechados da Arte Clássica defendida pelas Belas Artes.

Em fins do século XIX, o surgimento na Inglaterra do Arts & Crafts possibilitou que Samuel Bings fundasse em 1895 em Paris a Maison de “L’Art Arte Nouveau” na qual comercializava objetos decorativos que trazia do Japão, obras de Louis Comfort Tiffany, Henry Van de Velde, René Lalique, Émile Galé. Muitas delas apresentavam motivos naturais, orgânicos, florais e muitas curvas.

Este Estilo ou Arte Nova passa a ter boa aceitação no mercado parisiense e se torna uma referência no contexto da Arte Aplicada ou Decorativa.



O Metrô de Paris (1900-12) é um dos representantes deste estilo.

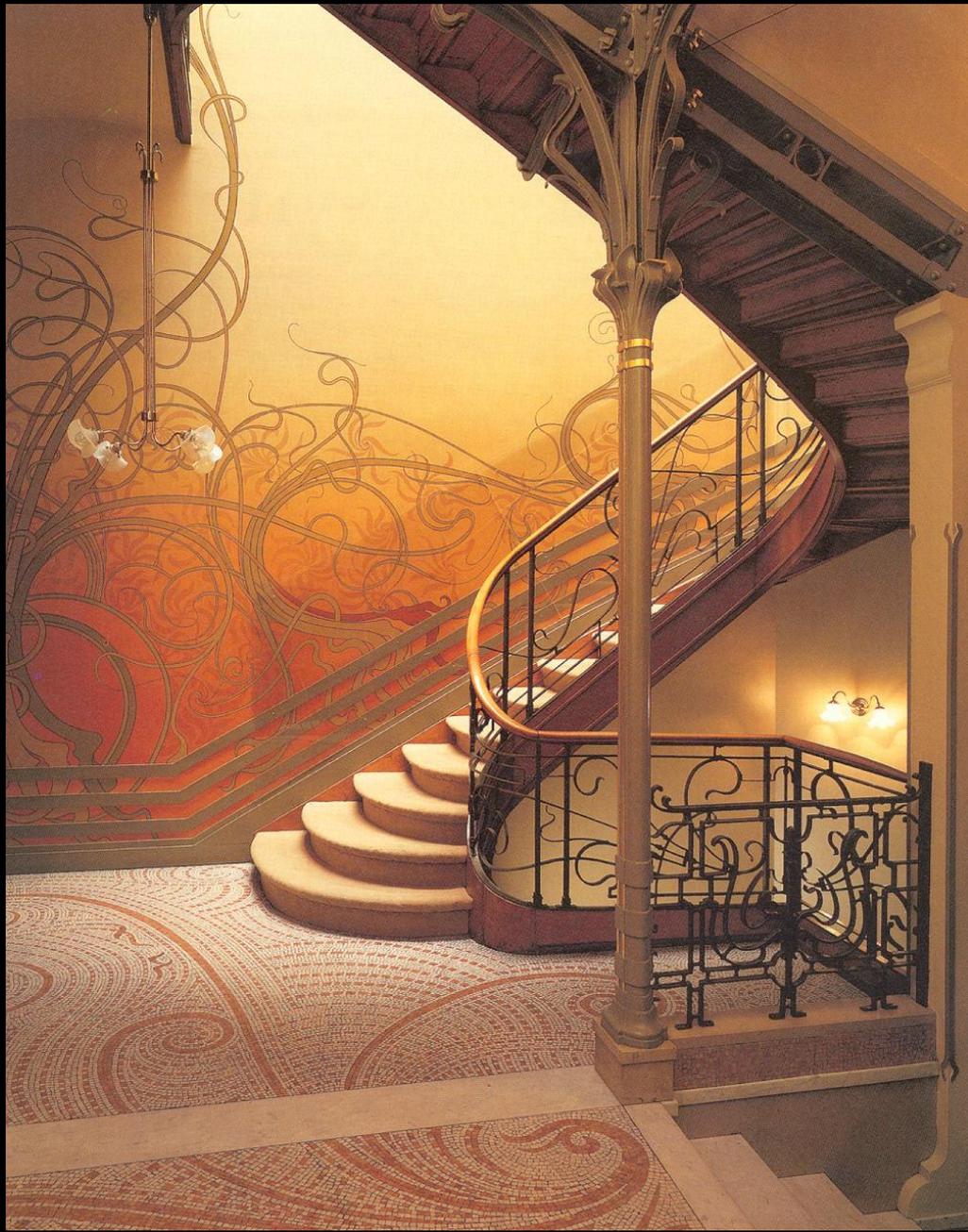




Metrô de Paris



Metrô de Paris



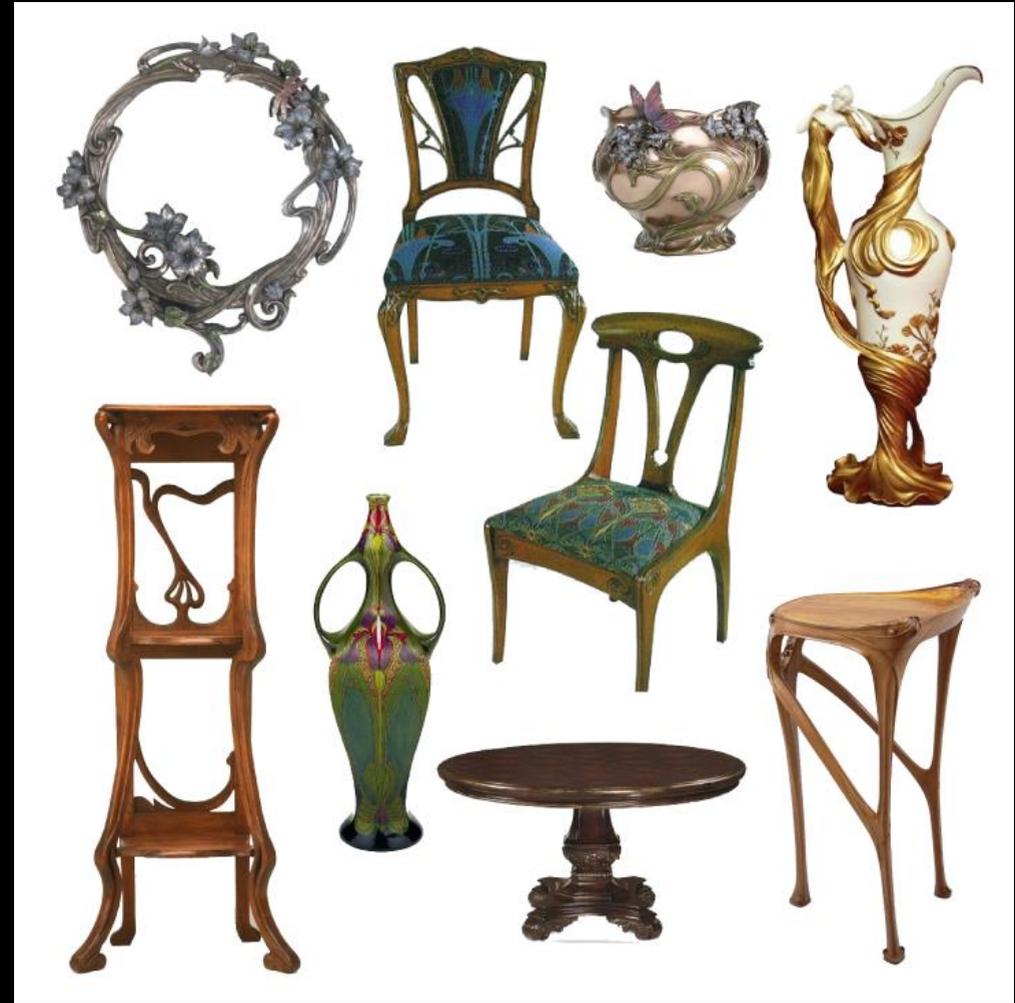
Arte Nouveau



Arte Nouveau



Arte Nouveau





Arte Nouveau



Alphonse
Mucha

Arte Nouveau

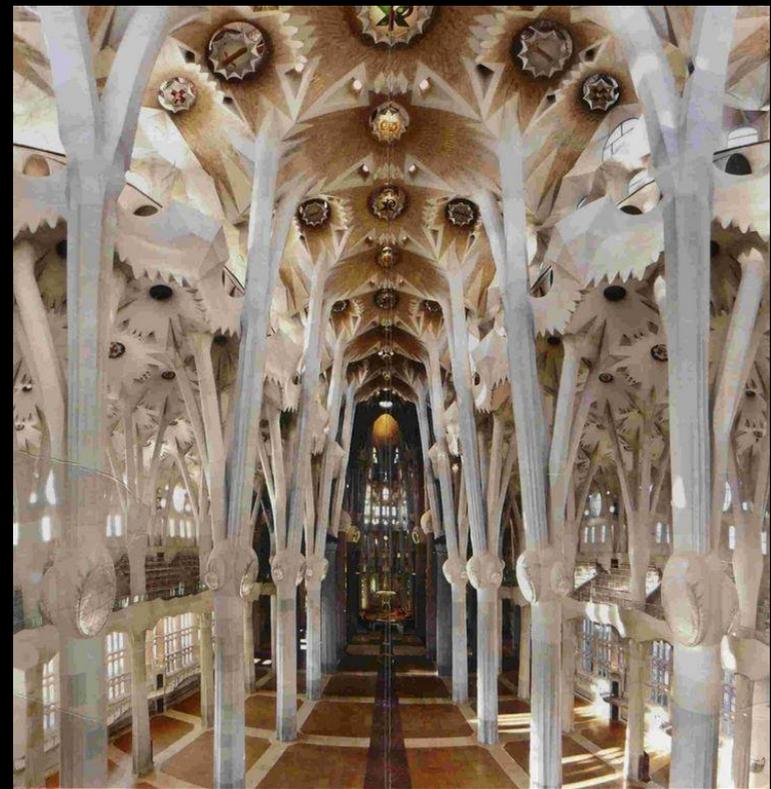


Alphonse
Mucha

Arte Nouveau

Tradicionalmente cita-se a obra de Gaudi (Antoni Gaudí i Cornet, 1852-1926), como uma das mais representativas do Arte Nouveau, realizada em grande parte em Barcelona, Espanha.

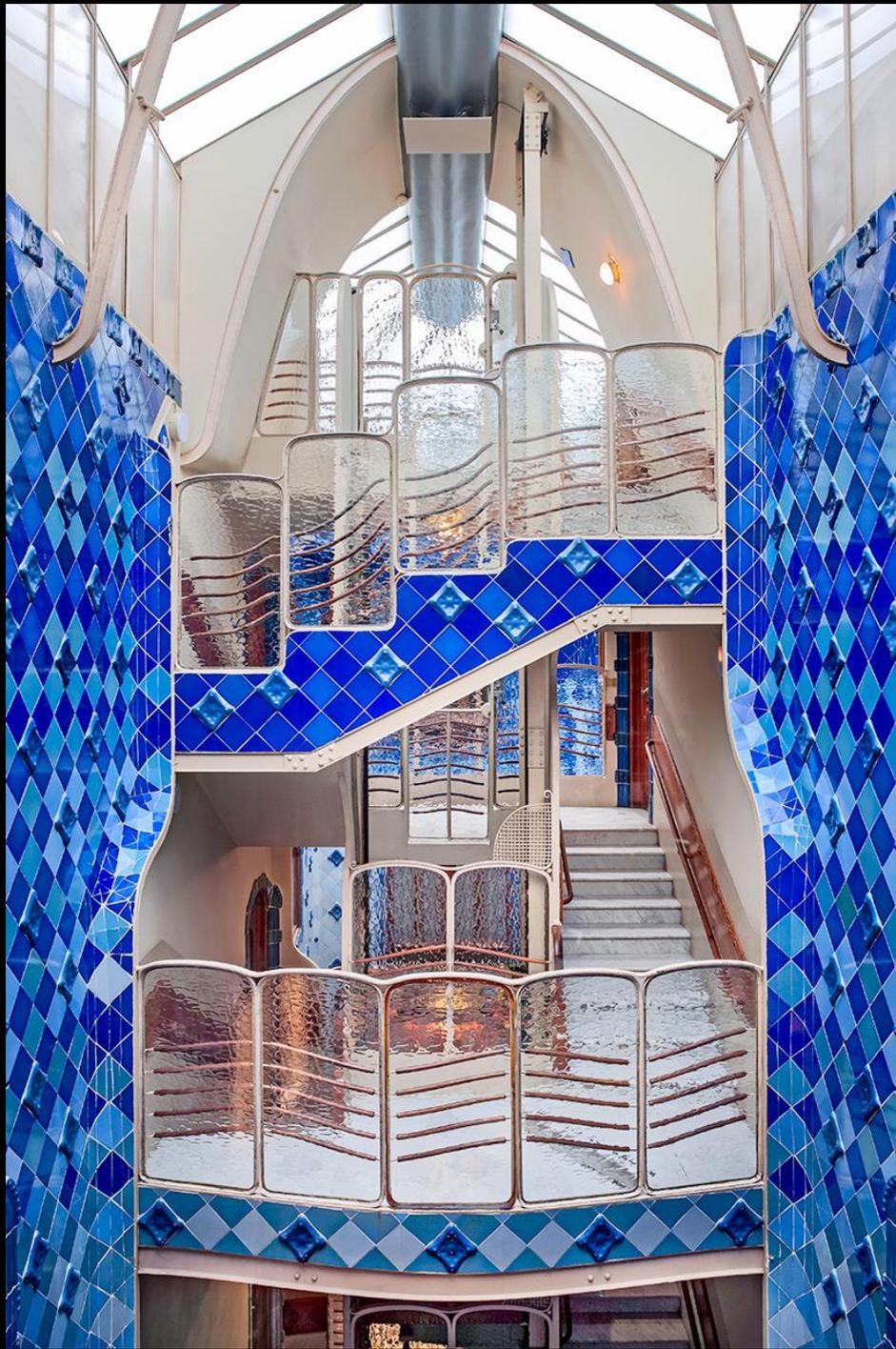




Antoni Gaudi, Arte Nouveau



Antoni Gaudí, Arte Nouveau



Antoni Gaudi, Arte Nouveau

Logo após a primeira guerra, vamos encontrar o Art Déco, mais retilíneo do que o Art Nouveau, mas também relacionado à indústria e arquitetura. Aqui em Campo Grande, há várias construções neste estilo no centro da cidade.

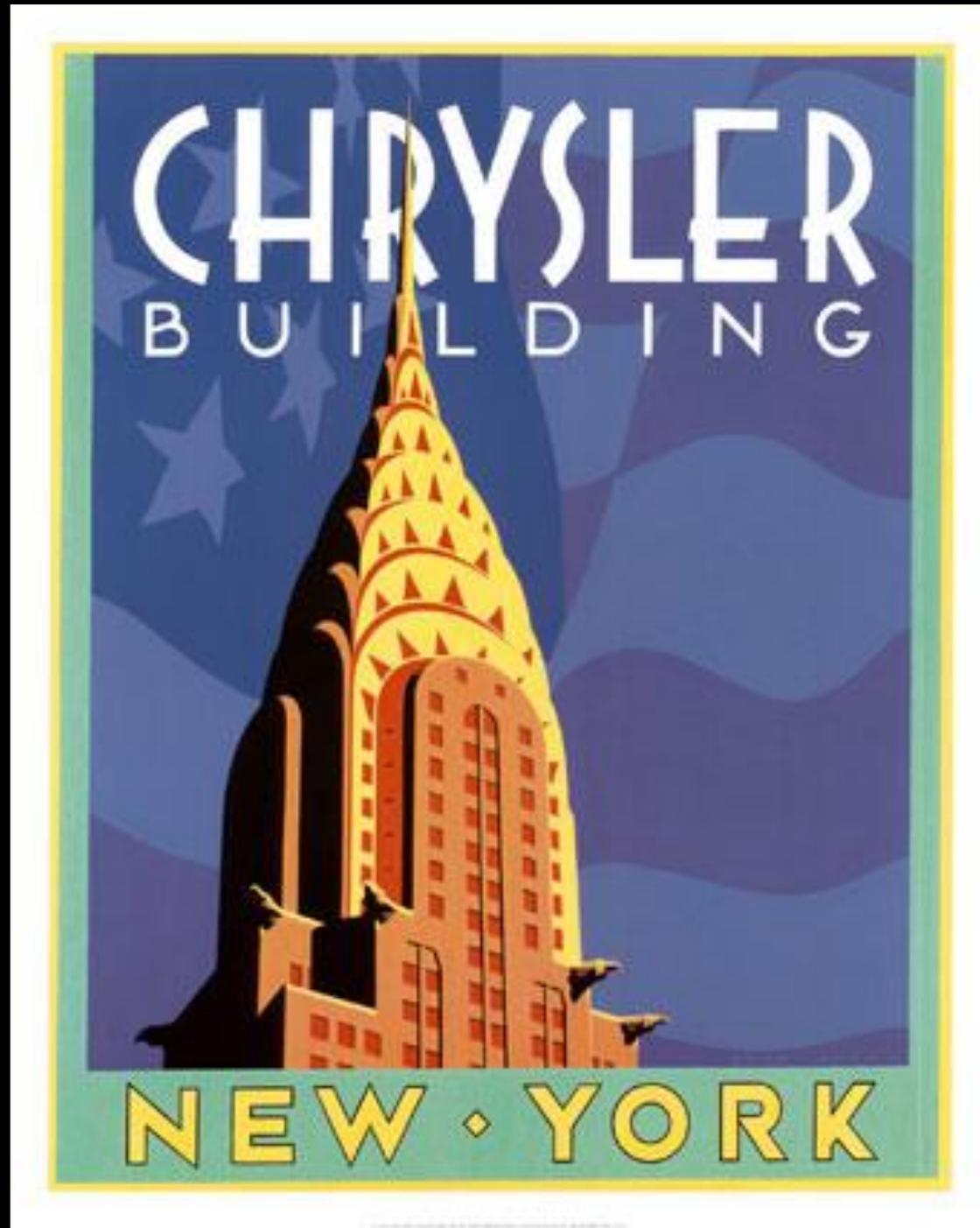
A expressão *Art déco* provém da *Exposition internationale des Arts décoratifs et industriels modernes* ou Exposição Internacional de Artes Decorativas e Industriais Modernas. Realizada em Paris em 1925.



Robert Bonfils



Art déco



Art déco

A grande questão que envolvia estes estilos acabou se tornando um processo de criação e consolidação de um campo profissional que veio a se chamar Desenho Industrial, ou seja, uma especialidade de projetista que pudesse dar conta de projetar e produzir produtos industriais mecanizados com baixo custo e, se possível, sem a impessoalidade e frieza das máquinas.

O melhor resultado neste sentido foi a criação da Escola Bauhaus na Alemanha.

Após a Primeira Guerra Mundial a Alemanha precisava recuperar sua capacidade industrial e, principalmente, concorrer com a indústria Inglesa que havia se beneficiado do advento da guerra.

Nos anos anteriores à primeira guerra, já havia um movimento interessante de recuperação do artesanato deflagrado pelas teorias de John Ruskin e colocadas em prática por Willian Morris. Ainda assim a mecanização estava ganhando terreno.

Na Alemanha, em 1971, a imperatriz Augusta, esposa do imperador Guilherme I, inaugurou um Museu de Artes Plásticas, no intuito de coletar e preservar a produção artesanal alemã. Ainda, a partir de 1896 foi introduzido no sistema educacional alemão oficinas artesanais e artes dando oportunidade para vários artistas atuarem nestas escolas como professores e orientadores.

A isto seguiu-se a proliferação de oficinas de ofícios artesanais nas quais se produziam artefatos e utensílios domésticos, móveis, têxteis e metais.

Fruto disto surgiram as associações de artesãos.

Também surgiram as associações de industriais. Na Alemanha, diferentemente da Inglaterra, os artesãos não se negavam a utilizar máquinas e ferramentas no auxílio ao trabalho manual.

Tais características definiram a liderança da Alemanha no contexto industrial, deixando para trás a Inglaterra.

Fundou a primeira associação de Artes e Ofícios a Werkbund (DWB) que passou a gerenciar a produção artística, inclusive o desenvolvimento de marcas etc.

Em 1919, Walter Gropius publica o Manifesto da Bauhaus e funda a primeira escola na república de Weimar. Em 1925, a escola muda para Dessau.

De modo geral a Bauhaus propunha formar profissionais que deviam unir Arte, Artesanato e Tecnologia num projeto integrado que Gropius chamou de Arquiteto da Forma.

Atividades de Reforço e apoio Pedagógico.

Leituras de Apoio e consulta:

ARGAN, Giulio Carlo. História da Arte Moderna.

ARGAN, Giulio Carlo, FAGIOLLO, Maurizio. Guia da História da Arte.

BENJAMIN, W. A Obra de Arte na era de sua reprodutibilidade técnica.

GOMBRICH, E. História da Arte, Capítulos 25, 26, 27 e o pós-escrito.

<http://www.artevisualensino.com.br/index.php/extos>

Questões de Reforço e avaliação:

- 1. O que se entende por aplicação e funcionalidade na relação entre Arte moderna e Indústria?*
- 2. Qual a importância e participação da Fotografia nesse contexto?*
- 3. O que são Artes Aplicadas e Arts & Crafts nesse período?*
- 4. O que é Arte Nouveau? Surgimento e características.*
- 5. Quais outras tendências surgiram nesse período?*